

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Journal do Brasil Class.: Guarani 02
Data: 09.12.73 Pg.: 41

Nostalgia do mar tirará os guaranis de Minas

Gutemberg Mota e Silva e Waldemar Sabino
Enviados especiais

09/12/73 p. 41
JB

FAZENDA Guarani — Os índios guaranis estão no posto indígena Crenaque-Guarani há apenas três meses, mas a nostalgia que sentem do mar, onde nasceram e sempre viveram seus ancestrais, acabará por levá-los de volta ao litoral, espécie de terra prometida procurada desde que a tribo, praticamente expulsa de sua aldeia, deixou o Rio Grande do Sul há 25 anos.

E os índios crenaques, que vieram para cá no ano passado porque suas terras eram constantemente invadidas no vale do Rio Doce, já não conseguem esconder sua inquietação pela escassez de tudo o que lá encontravam em abundância: a terra fértil, a pesca farta, a caça variada, o pasto bom e a matéria-prima indispensável a seu artesanato, hoje inexistente.

Solução de emergência

A Fazenda Guarani, solução de emergência para os problemas de terra que os crenaques vinham enfrentando há anos no vale do Rio Doce, já foi considerada imprópria para ser reserva indígena pelo chefe da Ajudancia Minas—Bahia da Funai, o índio juruna José Geraldo Itatuitim. Ele diz que não teria concordado com a transferência dos índios para cá se na época já ocupasse o cargo.

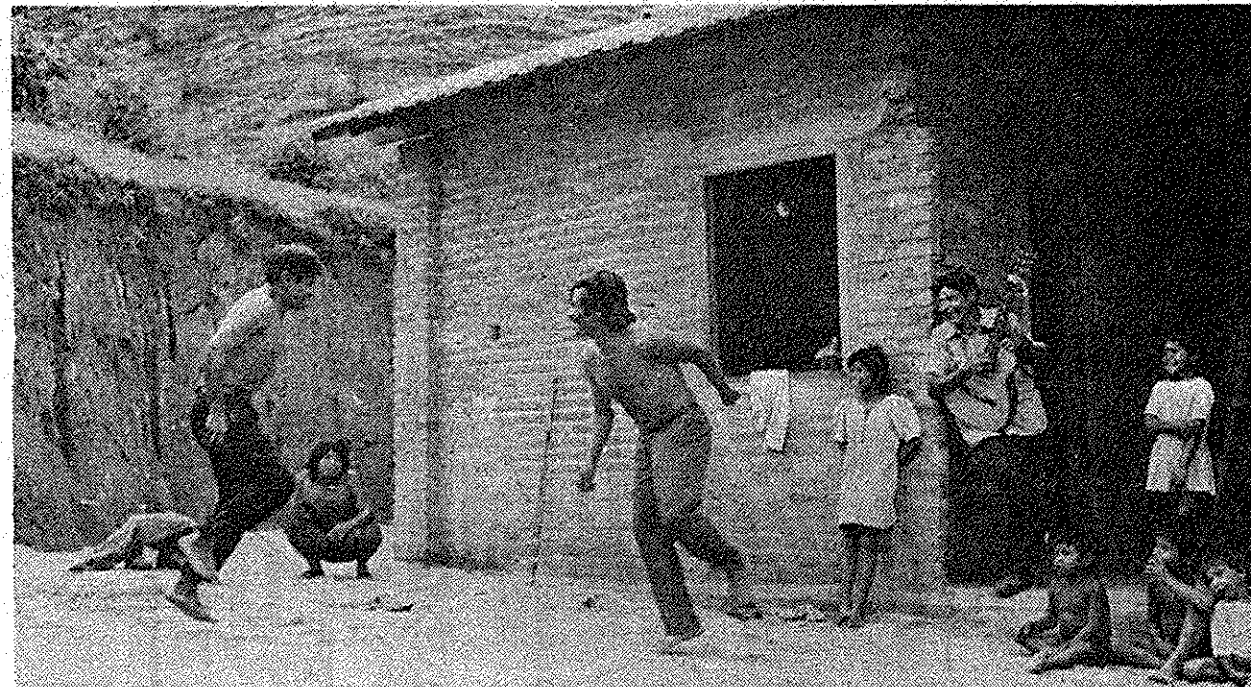
Assumindo-o em maio deste ano, uma das suas primeiras providências foi transferir para a fazenda os índios guaranis que viviam em Guarapari como objeto de atração turística, sem plantar ou produzir nada, a não ser um artesanato falsificado pelas exigências do ligeiro comércio do turismo. Lá viviam a beber, a vagabundear, a esquecer suas tradições, seus costumes, seus rituais "Por isso tudo, era melhor trazê-los para a fazenda" — diz Itatuitim.

Com 1 200 alqueires, a Fazenda Guarani, no Município de Carmesina, a cerca de 200 quilômetros de Belo Horizonte, situa-se numa região montanhosa por excelência, de terra ingrata para a agricultura, pasto ruim, pobre de caça e pesca, sem conchas, sementes, taquara e cipó-guambé para o artesanato, sem rio para se canoar, sem mar para se sentir.

Enquanto todos os pastos da Guarani não comportam mais de



Apesar das sombrias visões de velha Tataim, que previu desgraças, os guaranis encontram energia para suas danças e festas tribais na Fazenda



mil reses, os do antigo posto indígena dos crenaques, em Resplendor, no vale do Rio Doce, têm espaço para cerca de 100 mil reses, apesar de ser igual à da fazenda a área total da antiga reserva.

O índio Itatuitim também vê diferença entre as terras dos crenaques no rio Doce e as atuais, afirmando que 40 alqueires daquelas equivalem aos 1 200 alqueires da Guarani. E conta que a transferência do gado do rio Doce para cá, no fim do ano passado, causou uma perda de peso de 400 arrobas. Esse gado — hoje constituído de 137 reses — esteve muito magro em meados deste ano, e só agora está se recuperando.

Centro comunitário

Lamentando que as autoridades tenham resolvido os conflitos com os posseiros destinando a Fazenda Guarani aos índios crenaques, principalmente porque a política indigenista visa "desenvolver o índio social e economicamente sem mudanças brutais", Itatuitim afirma que agora, com o "pote quebrado", só resta partir para o aproveitamento racional da propriedade, não como reserva indígena, mas

como centro de desenvolvimento comunitário.

Para isso, há um plano da Funai, a ser desenvolvido a partir do próximo ano, se for liberada a verba prevista de Cr\$ 400 mil. O plano prevê implantação de lavouras de sustentação (só o milho, porque as outras culturas geralmente se perdem nas terras ruins da Fazenda), de pomares, criação de porcos, coelhos, abelhas, aves de pequeno porte e reflorestamento das áreas que não servem para pastagem.

Na área de profissionalização, o plano prevê o treinamento de líderes comunitários nos setores de carpintaria, marcenaria, mecânica elementar, agricultura, assistência veterinária, indústrias agrícolas e outros. O treinamento seria dado a índios que manifestassem esse desejo em suas aldeias. Esses índios ficariam com a responsabilidade de, voltando às suas tribos, disseminar os conhecimentos recebidos.

A Funai pretende também ceder um alqueire de terra a cada família índia, além de material de construção, para que ela edifique sua própria casa. E construir duas escolas, uma para os crenaques e outra para os guaranis, distinção que evitará a miscigenação e o consequente esfacelamento das

duas culturas, já dispersas pela incessante peregrinação dos dois povos em busca de uma terra onde possam viver em paz.

Os 44 guaranis, os 36 crenaques e os índios de outras tribos que moram na fazenda, num total de 105, estão incluídos nesses planos da Funai, mas Itatuitim sabe muito bem o quanto seus irmãos estão sofrendo longe de suas terras e que, havendo oportunidade, é melhor fazê-los voltar.

Os crenaques, vindos de outra região mineira, têm menos ímpetos de voltar — e nenhuma esperança. Os guaranis, oriundos do mar, têm mais vontade de voltar — e mais esperança. Itatuitim, conhecendo a fixação dos guaranis no mar, já sustou a vinda, de São Paulo, de novo contingente da tribo para a fazenda, como estava nos cálculos da Funai, e admite, mas não dá esperanças, a volta dos que estão aqui.

Desgraça prevista

Poucos dias antes de Itatuitim chegar a Guarapari, em agosto deste ano, para buscá-los, Aurora, uma rezadora guarani, advertiu seus irmãos de que eles deveriam seguir

para o Norte, sempre à beira-mar, evitando que o homem branco os trouxesse para o sertão, pois "uma desgraça vai acontecer."

No dia 10 de agosto, os guaranis chegaram à fazenda. Poucos dias depois, Quaraiverá, um rezador da tribo, disse a seus irmãos que no dia 27 ninguém saísse de casa para o trabalho, porque uma desgraça aconteceria. Aconteceu: Sérgio da Silva, de 20 anos, picado dias antes por uma cobra, morreu. Cumpri-se a antevisão que Aurora, sua mãe, tivera em Guarapari.

A ingratidão da terra da Fazenda Guarani, que em três meses já lhes negou o feijão, o arroz e a melancia, prometendo-lhes apenas o milho, acentua a tristeza dos guaranis, que vão à capina desiludidos e às vezes se detêm a olhar a linha do horizonte, na esperança de ver o mar além do contorno das montanhas.

Terra sem males

A velha Tataim, de 65 anos, viúva do índio Veninte, que há 25 anos saiu do Rio Grande do Sul com mais 61 índios guaranis para fugir à opressão dos invasores de suas terras, relembra a caminhada do seu povo desde aquele momento, afirmando que um missionário sui-

ço inculcava na tribo a esperança de, um dia, encontrar a Terra do Sem Males, ou seja, a terra, junto ao mar ou não muito longe dele, onde a nação acharia paz e trabalho.

Seus filhos, o cacique Averaimirim e Quaraimirim, o capitão da tribo, no princípio acreditaram intensamente nessas palavras proféticas, disseminando-as entre os demais. Criam, então, numa Terra do Sem Males material, palpável, onde se pudesse plantar. Mas quando os dois aprenderam o português e passaram a ler o evangelho, dentro deles nasceu uma nova concepção de terra prometida: estar com Deus e em Deus.

— Antes de seguirem a palavra evangélica — diz Quaraimirim — os guaranis costumavam beber cachaça, andar de qualquer maneira, ter desentendimentos com civis. Depois que chegamos muito perto Dele, não chega doença facilmente em nossa aldeia e nossos irmãos aprenderam o Português. Nossa gente está diminuindo, é certo, mas nossa fé está aumentando.

Quaraimirim, que tem o nome civil de João, chegou a ponto de levantar-se às três horas da madrugada, com a família, para rezar. As orações rotineiras de toda a tribo são às 18 horas, diariamente.

Quando anoitece na Fazenda Guarani, os índios se recolhem a seus galpões ou casinholas sem móveis, para mais uma noite de sono com o mar, sonho muitas vezes desfeito pelo frio, pois dormem no chão e sem cobertores. Fome, eles não passam: a Funai mantém seu armazém sempre abastecido, embora às vezes falte carne. Mas os índios, por falta de verba do órgão e de recursos próprios, dão graças a Deus quando alguém lhes dá agulhas e linhas para coser suas poucas e velhas roupas.

Uma vez por semana, com o rezador retirando uma música indígena de um violão, eles se reúnem entre os galpões para os inesquecíveis rituais de dança dos guaranis. Às vezes ocorre que Mário, 19 anos, irmão mais novo de Quaraimirim, não se digna a dançar, acorrendo-se de lado, com seu ar de play-boy e um cigarro comum na boca (não gosta de fumo, como seus irmãos). Quando isso acontece Quaraimirim se zanga, não é atendido e fica possesso: ele sabe que a civilização do índio é o começo do fim da raça.